

## **Eu UnB, os primeiros anos na Universidade de Brasília**

Arribei em Brasília às 3 horas da tarde de 1º de fevereiro de 1969. A bordo do fusca vermelho adquirido via consorcio no ano anterior, deixara Curitiba dois dias antes para assumir, a convite, a posição de professor colaborador no Curso de Geologia da Universidade de Brasília. Após 5 anos de profícuo aprendizado como geólogo de campo, primeiro por 6 meses no Ceará, depois na Comissão da Carta Geológica do Paraná, e em condições climáticas nem sempre agradáveis, porém suportadas estoicamente - fazer o que se há de, além de amaldiçoar a barraca de lona que não segurava a chuva e o frio...? - estava ansioso para assumir o cargo, atendendo vocação há muito sonhada... Curiosa e coincidentemente, na parada para descanso e pernoite em algum ponto do Triângulo Mineiro, cruzei com Marcelo Ribeiro, então coordenador do Curso de Geologia da UnB, que fazia o caminho inverso, em férias com a família rumo ao Sul...

Sem conhecer a Capital, acabei adentrando pela Avenida das Nações, hoje mais conhecida por L-4. Perdido, sem placas indicativas e sem viva-voz para obter informações, andei pela avenida, perguntando: Cadê a cidade? Cadê Brasília? Cadê todo mundo? Pois a avenida era ladeada por vegetação densa – estávamos na estação das chuvas, mais adiante vim a aprender ser típica do cerrado do Brasil Central - cadê os prédios? Embora angustiado, mas considerando que a avenida era de bom asfalto e deveria dar em algum lugar, resolvi seguir por ela. Depois de minutos – que mais pareciam horas – deparei-me com o Palácio da Alvorada, cercado pelos lindos gramados sempre

presentes nas fotos que havia visto. Um tanto surpreso, porém aliviado, pensei com meus botões, bueno, estou em Brasília... Obtive, então, a informação para chegar ao Brasília Palace Hotel, em que haviam reservado um quarto para a estada dos primeiros dez dias.

No dia seguinte, logo cedo, orientado pelo pessoal do hotel, consegui chegar à UnB, mais precisamente ao Minhocão, apelido carinhoso do ICC que até hoje persiste. O Minhocão então habitável resumia-se à porção sul: as áreas central e norte eram um esqueleto meio assustador... O estacionamento sul era uma área aplainada e barrenta... Cheguei na Geologia, então alojada no subsolo da ponta sul do ICC e fui encontrando o pessoal: José Danni, Álvaro Faria, Leonardo Mangeon, Eurico Moreira, Lauri Bez, Ingo Glaser, Gerobal Guimarães, Pratini de Moraes e outros. A eles vieram se juntar outros nos meses subsequentes, como João Hirson, Eduardo Ladeira, Elmer Salomão, Getúlio Barbosa, etc. Cumpridas as formalidades burocráticas de admissão, saí a campo para conseguir um tugúrio, providenciar a mudança guardada em Curitiba e a vinda da saudosa esposa Maria Isaura e da primogênita de um aninho Beatriz Helena, então com os pais em Fortaleza, que aguardavam o sinal verde para virem a Brasília. De pronto, desisti da Asa Norte, então um deserto, apenas interrompido aqui e ali por uma sucessão de nefandos barracões de madeira de dois pavimentos ao longo das que vieram a ser as vias comerciais adjacentes às superquadras... Acabei alugando acolhedor apartamento na SQS 206, pertencente a 'Seu' Albino, modesto funcionário público vindo para Brasília com a mudança da Capital. Esgotados os dias de alojamento no hotel, fui generosamente acolhido por Marcel Dardenne, chegado da França no ano anterior, com a esposa Michelle, professora da

Biologia, e o infante Laurent, que me arranjam um cantinho em seu apartamento, enquanto aguardava a mudança vinda de Curitiba.

Com a família devidamente instalada, começou a dedicação integral à Geologia da UnB. A aproximação do início do período letivo implicou em focar na preparação de aulas, inicialmente das disciplinas de Petrologia ígnea e Metamórfica, uma em cada período, em parceria com José Danni. Isso incluía obtenção de bibliografia atualizada, nem sempre disponível na biblioteca, preparação de ilustrações apropriadas e montagem da coleção de material para as aulas práticas de laboratório, como amostras representativas dos numerosos tipos de rochas que constituem a litosfera terrestre e confecção das respectivas lâminas delgadas para estudos ao microscópio. Adorei dar aulas, tanto teóricas quanto práticas, vendo concretizada a vocação acalentada por muitos anos. Ao longo dos anos subsequentes, em parceria ou não com outros colegas, assumi várias outras disciplinas do curso, como Fotogeologia, Geologia Geral, Geologia Estrutural, Geologia Histórica, Geologia do Brasil e, em particular, as disciplinas relativas ao trabalho final de graduação dos estudantes de Geologia (Preparação ao Trabalho Final, Mapeamento Geológico e Relatório de Graduação). Aliás, a essas últimas dediquei muito do meu tempo, implicando em ficar longe da família por semanas a fio, acampado em barracas ou hospedado em, então, precários hotéis e pensões Goiás afora. Já no meu primeiro ano na UnB, engajei-me no trabalho final da segunda turma de geólogos do nosso curso, que, na ocasião, foi realizado na Serra Dourada e arredores, ao sul de Goiás Velho. Foi paixão à primeira vista, não só pela paisagem espetacular, mas especialmente pela magnífica geologia que se descortinava aos olhos deslumbrados de professores e alunos e que, como revelado mais adiante com o uso de metodologias modernas, representa mais

de 3 bilhões de anos da história evolutiva do nosso planeta, preservada e exposta no Brasil Central, pronta para ser investigada em profundidade. Neste ponto de minha vida posso dizer, com gratidão, orgulho e sem falsa modéstia, que nossos TFs resultaram em contribuição significativa ao conhecimento da geologia do Centro-Oeste e do Brasil e deles emanaram publicações relevantes, seguidamente referenciadas na bibliografia brasileira e mundial.

O ano de 1970 foi particularmente desafiador. Em típica atitude temerária dos majormente jovens que então constituíam o Departamento de Geociências da UnB, assumimos a gigantesca tarefa de sediar e organizar o *XXIV Congresso Brasileiro de Geologia*, em comemoração aos 10 anos de instalação de Brasília como Capital da República. Como se isso não bastasse, por falta de verba, tivemos que realizar o trabalho final da turma de 70 - a terceira do Curso de Geologia da UnB - no DF, saindo de nossas moradas todos os dias de manhã cedinho para levar os estudantes ao campo e ali orientá-los a elaborar o mapa geológico de semi-detalhe da região, voltando exaustos ao final da tarde. Não obstante a trabalhadeira insana, valeu à pena: aprendemos muito e acabamos conhecendo melhor a geologia do DF, mostrada inclusive em excursões durante o Congresso. Trabalhadeira mesmo foi realizar o Congresso: Dias e dias, em associação com geólogos e engenheiros do DNPM de Goiânia e Brasília, preparando excursões de campo para divulgar o que então se conhecia da geologia do Brasil Central; varando noites e noites na gráfica contratada para imprimir os volumes de resumos dos trabalhos apresentados no Congresso e dos roteiros das excursões. Argh! Como disse em mais de uma ocasião, até hoje descanso dessa trabalhadeira nefanda... Mas, como apontado acima para o TF, valeu à pena! O Congresso foi um sucesso retumbante: mostramos a beleza e a relevância da geologia do Centro-Oeste aos geólogos

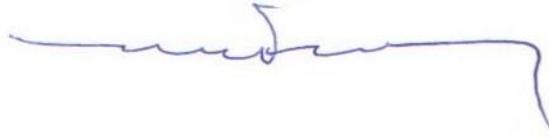
das demais regiões; conquistamos boa parte do público de Brasília, com várias iniciativas de divulgação, como a vinda de representantes da NASA, com o forte suporte da Embaixada dos Estados Unidos, para apresentar os primeiros resultados do pouso na Lua, ocorrido em julho do ano anterior; apreciei particularmente a apresentação do Dr. Vervoort, que nos brindou com brilhante palestra sobre xenólitos mantélicos e de eclogitos presentes em kimberlitos portadores de diamantes das minas da África do Sul, ao fim da qual nos presenteou com um lote de ilustrativos xenólitos, ainda hoje na coleção do IG.

Já em 1971, conseguimos retomar os TFs em Goiás, no caso na região da antiga capital, Goiás Velho, desde o sopé da Serra Dourada até próximo de Faina. Nessa altura, o Departamento havia se ampliado com a vinda de Maria Adusumilli, Bhaskara Rao, Jorge Gomes, Geraldo Andrade, etc. Tivemos também o retorno do saudoso Prof. Onildo Marini, um dos fundadores do nosso Curso de Geologia, que havia se afastado da UnB quando da profunda crise que abalou a Universidade em 1965. Com o costumeiro entusiasmo, juntou-se à equipe que cuidava dos TFs. Os resultados do TF 1971 levaram a algumas indagações intrigantes: o que eram e qual a idade daquelas faixas estreitas e alongadas de rochas máficas e ultramáficas, deformadas e transformadas em serpentinitos, talco xistos e anfibólio-clorita xistos, associadas ora a ortognaisses, ora a outros xistos derivados de rochas detríticas e carbonáticas cálcio-magnesianas? As relações de campo não eram claras: seriam intrusões transformadas? Poderiam ser rochas vulcânicas? Mas, será que derrames ultramáficos, implicando em elevadas temperaturas e altas taxas de fusão do manto terrestre, eram possíveis? Estudos subsequentes, inclusive da literatura internacional, e uso de tecnologias modernas mostraram que era possível sim, e que as rochas são muito antigas, com idades próximas de 3 bilhões de anos.

Nos anos seguintes, com suporte em convênio com o DNPM, os TFs foram realizados inicialmente no braço norte da Serra Dourada, abarcando Formoso e Trombas, depois na região de Piranhas e Arenópolis, onde a geologia é totalmente diferente, porém, igualmente maravilhosa, dominada por rochas metassedimentares detríticas, algumas atestando condições de metamorfismo de temperaturas e pressões elevadas, e muitas intrusões ácidas, intermediárias e básicas. Rochas metavulcânicas e gnássicas identificadas na região de Arenópolis, estudadas mais adiante pelo saudoso Prof. Marcio Pimentel, revelaram-se testemunhas de extenso oceano pretérito, cuja destruição resultou na crosta continental que hoje separa os domínios da Amazônia da região da Bacia do Rio São Francisco, em Minas Gerais e Bahia.

Ainda em 1970, com as mudanças estatutárias implantadas na Universidade, fomos transformados em Departamento de Geociências, chefiado pelo Prof. João Hirson, passando a integrar o Instituto de Ciências Exatas, junto com os departamentos de Física, Matemática e Química, em adição aos quais foram criados mais adiante os departamentos de Estatística e Ciência da Computação. O Prof. Luiz Carlos Gomes, da Física, assumiu a Direção e eu fui nomeado Vice-Diretor. Com a saída do Prof. Gomes, coube-me assumir a Direção em 1971. O fato acrescentou mais trabalho a uma agenda já complicada, atrasando mais ainda a conclusão de meu doutorado na Universidade de São Paulo. Consegui submeter minha tese sobre o Maciço Alcalino de Tunas, Paraná, em 1972, porém a defesa só pôde ocorrer em 1973, dado que meu orientador, Prof. José Moacyr Coutinho, se encontrava em estágio de pesquisa no exterior. Em 1975, com bolsa do CNPq, realizei pós-doutorado na Durham University, Reino Unido, sob a generosa supervisão do

Prof. Malcolm Brown. Após meu retorno, em 1976 assumi o Decanato de Ensino de Graduação. Mas isso já é outra estória...



Reinhardt A. Fuck  
Coordenador